Ano XXI — Lisboa, Abril de 1965 — N.º 240

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

Da Sinceridade à Tolerância

Dizem os filólogos que a palavra *sincero* nos veio do latim *sincerum*, formada de *sine* (sem), e *cera* (cera), e queria portanto dizer *sem cera*. Era a cera utilizada pelos antigos para se mascararem, transformando as faces, coisa que ainda hoje se faz mas por processos mais evoluídos. Servia também a cera, com fins dolosos, para disfarçar defeitos da pedra ou da talha em obras de escultura, hábito que também perdurou até aos nossos dias. O vocábulo *sincero* reveste-se assim de um significado profundo. Sincero é aquele que nada esconde, que se apresenta tal qual é, sem disfarçar por palavras ou atitudes os seus verdadeiros sentimentos. Como sinónimo de sincero aponta-se *simples*, que não tem composição, não tem dobrez, é como folha aberta que pode ser apreciada sem nada esconder. Disse alguém *ser feliz aquele cuja vida era como um livro aberto*, o que equivale a dizer que são felizes os sinceros.

A sinceridade é pois a virtude daqueles que procuram a harmonia das suas palavras e atitudes com a Verdade. A Lei do Escoteiro expressa esse ideal afirmando que *o escoteiro é verdadeiro, a sua palavra é sagrada*. E propositadamente dissemos ideal porque, de facto, a sinceridade deve constituir uma maneira de viver, uma busca constante que se impõe à consciência de todo o homem digno. Naturalmente, nessa procura da Verdade, poderemos enveredar por caminhos diferentes e chegar a conclusões diversas. Essa é a fatalidade da fraqueza humana, mas é também a marca do homem sincero, que tem a coragem de empreender essa busca sem se conformar com *lugares comuns* e, alcançada a sua solução no confronto de todas as outras soluções, tem a coragem e a lealdade de a afirmar. Tudo, portanto, que é legítimo exigir do nosso amigo, do nosso companheiro, é que seja sincero consigo próprio e connosco. Se a sua e nossa busca da Verdade nos conduzir a campos opostos, isso de maneira nenhuma poderá prejudicar a nossa estima. O homem sincero, esteja onde estiver, merece o nosso respeito e consideração, embora nem sempre lhe possamos oferecer o nosso acordo.

É este afinal o único espírito em que é possível a fraternidade escoteira. *O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros* porque não repele ninguém pelas suas crenças ou convicções, mas aceita todos aqueles que buscam a Verdade e com ela procuram ser coerentes.

Veio há dias à nossa mão, e causou-nos profunda tristeza, uma carta em que um dirigente de certo agrupamento religioso, que há muito reclama para si tolerância, denuncia às autoridades os membros de uma seita mais recente, que, por imperativos das suas crenças, corajosamente se recusam ao cumprimento de certos deveres cívicos. Certamente que não estamos de acordo com as conclusões a que tais indivíduos chegaram, mas a denúncia é acto vil e não temos o direito de acusar quem age por dever de consciência e assume virilmente a responsabilidade da sua atitude. O saudoso Papa João XXIII iniciou uma época de renovação do espírito de tolerância e compreensão entre os homens e é necessário que todos procuremos dar o nosso contributo para que se fortaleçam, cada vez mais, sentimentos de respeito pela consciência humana, de forma que o homem seja dignificado naquilo que ele tem de mais belo, a liberdade de pensar. Será a nossa atitude de sinceridade; a forma fiel, sem hipocrisias, como damos cumprimento aos nossos deveres para com Deus e a Pátria, que exigirá também dos outros o máximo respeito pelas nossas atitudes.

Continua na página 6

O Dr. Luther King explica na Assembleia Mundial da Juventude, realizada nos Estados Unidos, o sentido do amor aos inimigos, na sua luta patrítica pela igualdade racial

(...) Chegado a este ponto julgo que devo descrever o significado do amor. Desde já, ao falar de amor na luta pela liberdade, não me refiro a uma tonteria emocional. Carece de sentido pedir-se ao povo oprimido que ame a seus opressores num sentido afectuoso. Felizmente, a língua grega vem em nosso auxílio a respeito deste assunto. Em grego existem três palavras para designar o amor: existe a palavra «eros» que define uma espécie de amor estético. Platão consagrou-lhe uma boa parte dos seus «Diálogos», a paixão da alma pelo reino da divindade. Chegou até nós como uma espécie de amor romântico e também neste sentido sabemos tudo sobre eros, temo-lo sentido e temos lido acerca dele na literatura. Em certo sentido, Egar Allan Poe refere-se a eros quando fala da sua belíssima Anabela Lee e também Shakespeare fala de eros ao dizer:

O amor não é amor que se altera quando encontra a sua alteração, ou se curva ao afastar-se o que se afasta.

O amor é um sinal indelével que vive para além das tempestades e que nunca cede nem vacila.

É uma estrela que orienta o rumo de todas as naves errantes.

Este é eros. É o amor de que eu falava a minha esposa quando a cortejava. É uma forma significativa de amor.

Quando o idioma grego fala de «filos» refere-se a uma espécie de afecto íntimo entre amigos pessoais. Neste terreno, amam-se as pessoas que nos parecem, ama-se porque se é amado e isto é a amizade.

Quando o idioma grego utiliza a expressão «ágape» quer significar algo mais que «eros» e mais que «amizade». Ao utilizar dita expressão, os gregos querem dizer compreensão, criação, desejos de redenção para todos os homens. É um amor superior que não pede nada em troca. Os teólogos diriam que é o amor de Deus operando no coração dos homens. Quando o amor alcança este nível, converte-se em amor pela pessoa que realiza os actos, ainda que se aborreçam os actos que a pessoa pratica. Creio que foi isto que Jesus de Nazaré quis dizer ao formular a sua expressão: «Amar a seus inimigos». Alegro-me que

Continua na página 5

SERVIÇOS CENTRAIS

Curso de Guias

Tendo em vista a valorização técnica das patrulhas, a Chefia Geral vai realizar um Curso para Guias de Patrulha, o qual decorrerá no Campo-Escola da Caparica, durante os seguintes fins de semana: Abril — 24/25; Maio - 8/9 e 29/30, Junho — 12/13.

O Chefe-Geral Adjunto, que orientará o Curso, aguarda ainda a inscrição de guias, para poder formar as patrulhas indispensáveis à realização daquela actividade.

O referido curso seguirá as normas estabelecidas e nele serão postas em prática as provas de classe recentemente publicadas.

Os guias aprovados terão direito a usar uma insígnia especial.

Curso de Explanação para Chefes

O D. C. C. Eng.º José Maria Nobre Santos vai promover a realização do 4.º Curso de Explanação, integrado no Esquema Geral da Insígnia de Madeira, com o objectivo principal de proporcionar aos Chefes de Grupo e de Tribo uma revisão conjunta das provas de classe incluídas no novo programa.

O Curso funcionará nos dias 14, 21 e 28 de Maio e 4 e 11 de Junho, na Rua de S. Paulo, 254-1.º, pelas 21,30 horas.

A inscrição está aberta aos Chefes, Guias de Equipa, Caminheiros, sendo vedada a pessoas que não tenham praticado ou não estejam praticando o Escotismo.

Todos os interessados deverão dirigir-se por escrito ao D. C. C. — **M. G.**

3.º Curso de Explanação no Porto

O sr. Eng.º Nobre Santos, D. C. C. da Insígnia de Madeira, esteve no Porto na segunda semana deste mês, tendo ali realizado um Curso de Explanação da Insígnia de Madeira, com vista à aplicação das provas de classe, principalmente das que foram recentemente regulamentadas.

Neste curso tomaram parte 20 dirigentes e caminheiros, que constituíram três patrulhas de instrução. Os resultados foram muito satisfatórios tendo o curso despertado muito interesse e entusiasmo, especialmente no que se refere a novas técnicas.

O XX aniversário

de «Sempre Pronto»

A *Flor de Lis*, órgão do Corpo Nacional de Escutas, teve a amabilidade de, no seu número de Abril, se referir com palavras de simpatia ao nosso aniversário. Agradecendo, retribuímos as saudações e desejamos igualmente muitas prosperidades ao nosso colega da imprensa escoteira.

Também o nosso colega «Comércio de Gondomar» aludiu à passagem do nosso aniversário. Agradecemos.

O nosso amigo, sr. Domingos Francisco Veloso Lima, digno vice-presidente da Direcção do Grupo 93, teve também a gentileza de nos felicitar incitando-nos a mais vinte anos. Agradecemos e esperamos que o sr. Veloso Lima assista a esses mais vinte anos.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social e o *pé descalço*

Em nota recentemente fornecida à Liga Portuguesa de Profilaxia Social pelo Hospital Joaquim Urbano, do Porto, sobre os casos de tétano veiculado pelo «pé descalço» tratados naquele estabelecimento durante o segundo semestre de 1963 e o primeiro de 1964, verifica-se que, em 16 internamentos, se registaram 6 casos de morte. O facto sugere algumas considerações.

Foi em Janeiro de 1928 que a Liga Portuguesa de Profilaxia Social iniciou uma vasta campanha, elevada à escala nacional, contra o inestético, indecoroso e anti-sanitário hábito do «pé descalço». A Liga de Profilaxia, sempre atenta e vigilante, nunca deixou de pugnar, ano após ano, dia após dia, pela extinção de tão maléfico e execrando costume, e de denunciar, muitas vezes com inusitado vigor, atitudes e situações que negativamente se reflectem em marcha da campanha, obstando a uma abundante colheita de frutos que os portugueses verdadeiramente esclarecidos tanto apetecem.

Há que usar de intransigência na repressão do «pé descalço» já que tergiversar com o mal, por desinteresse, comodidade ou falso sentimentalismo, é acamaradar com uma ignorância grosseira; é propiciar o desenvolvimento de uma mentalidade primária há muito extinta do seio das nações mais progressivas e civilizadas; é pactuar, criminosamente, com a morte.

Que nenhum português deixe de cooperar, enérgica e persistentemente, na luta contra o «pé descalço», em especial as Autoridades. Já vai sendo tempo de se aliviar o erário público das onerosas despesas que caracterizam os tratamentos de tétano; já vai sendo tempo de ser banido um hábito que só nos envergonha, nos vexa e nos inferioriza; já vai sendo tempo de se arrebatar, às garras da morte, a vida de tantos seres que inglòriamente se perdem para a Família, para a Sociedade e para a Pátria.

IMPRENSA

O excelente mensário «Portugal Evangélico», órgão da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, que se publica na cidade do Porto, transcreve o editorial «Natal de Luz», que publicámos no nosso número de Dezembro p. p., na sua edição de Novembro-Dezembro do ano transacto.

Agradecemos.

MAIS UM ASSINANTE

Uma campanha em marcha

O nosso dedicado amigo, sr. Joaquim de Sousa Piscarreta enviou mais um assinante, o que muito agradecemos. Trata-se da sr.ª D. Maria do Carmo Martins, de Lisboa, a quem apresentamos as boas vindas.

Esperamos a nova assinatura que o prezado leitor nos vai mandar.

Baden-Powell na Enciclopédia "Verbo"

Esta Enciclopédia publicou num dos seus últimos fascículos a nótula acerca de Baden-Powell. Porque se trata de uma obra destinada a consulta, permitimo-nos apontar inexactidões ali contidas, que gostaríamos de ver corrigidas oportunamente.

Diz-se ali, que B P. auxiliado por sua esposa fundou também o lobitismo e o Movimento das Guias. Ora o movimento destinado às raparigas surgiu em 1911 e B. P. só um ano mais tarde casou. Quem colaborou com B. P. na fundação do Guidismo foi sua irmã Agnes, que foi por ele encarregada de o dirigir. E' certo que mais tarde, Lady Baden-Powell veio dar um maior impulso a este movimento, permanecendo ainda hoje uma das suas mais entusiastas impulsionadoras, sendo a sua Chefe Mundial.

O Escotismo surgiu em consequência da publicação do livro que continha ideias destinadas a qualquer movimento que trabalhasse com rapazes. Esse livro era o «Scouting for Boys» e foi, portanto, publicado em 1908 e não em 1916 como ali se diz.

B. P. esteve em Portugal em 1929, tendo nessa ocasião feito diversas visitas e tomado parte numa sessão de boas-vindas na Sociedade de Geografia. Em 1934, por motivo de doença não saiu de bordo. Nos dois casos dirigiu-se aos escoteiros em inglês, e não podia tê-lo feito em português, porque não falava a nossa língua.

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

em serviço militar no Ultramar Português

António José de Oliveira Esteves

1.º Cabo — Em Angola

De Sintra

Grupo n.º 93

No dia 9 do corrente, como já é tradição deste Grupo, deslocaram-se à Vila da Batalha alguns antigos e actuais dirigentes e escoteiros, os quais tomaram parte nas solenidades junto ao túmulo do Soldado Desconhecido Português, onde depuseram uma artística bilha (imitação de uma placa de mármore, na qual se faz referência às ofertas feitas desde 1938 e em exposição no museu do Monumento) com azeite votivo para a «Chama da Pátria».

Aproveitando a passagem por Torres Vedras, visitaram o antigo elemento da sua Direcção, sr. Ricardo Seixas Peyroteo, ali residente e que se encontra doente. Na cidade de Tomar visitaram o Hospital da Misericórdia, que sofreu últimamente grandes remodelações, e os respectivos serviços de ginecologia, que não existiam e foram criados graças à dedicação do grande benemérito que é o sr. tenente Manuel de Matos, natural daquela região, e que é Presidente da Direcção dos Escoteiros de Sintra.

Já no regresso, foi visitado o Grupo n.º 84 da Associação dos Escoteiros de Portugal, com sede no Entroncamento, que os recebeu gentilmente e lhes ofereceu um chá, durante o qual se trocaram brindes e fizeram afirmações que confirmam os laços de verdadeira e sã amizade e camaradagem há anos existentes entre os elementos dos dois Grupos de Escoteiros.

Para os nossos leitores mais jovens

CONCURSO
«VALORES HUMANOS»

FIGURA N.º 2



Foi em 1642 que este grande sábio nasceu em Woolsthorpe.

Frequentou uma escola pública, perto de sua casa, tendo revelado, desde muito novo, uma tendência pronunciada para a construção de pequenos aparelhos mecânicos.

Apesar da família querer que ele se dedicasse à agricultura, no entanto, a sua vocação para as ciências era invulgar. Assim, em 1661 dava entrada no Trinitz College. Neste importante estabelecimento de ensino, deu tantas provas de aptidão para a matemática que deixou atónitos os próprios professores.

Como resultado das suas investigações, conseguiu, mais tarde, fazer importantes descobertas nos domínios da Matemática, como a fórmula do binómio, o método de tangentes e, sobretudo, o cálculo infinitesimal.

Entrou, depois, num período em que a sua atenção se preocupou mais com a Óptica, sendo notável o seu trabalho sobre telescópios, de que inventou vários tipos. Publicou, então, o célebre estudo *Nova Teoria sobre a Luz e a Cor.*

Chegou, enfim, a ocasião em que é admitido como membro da Academia das Ciências. Torna-se, posteriormente, professor da Universidade de Cambridge.

Reza a lenda que, vendo um dia cair da árvore uma maçã, este vulgar fenómeno sugere-lhe a sua mais sensacional descoberta: a Lei da Gravitação Universal, que, daí em diante, tão profundas repercussões havia de ter na Ciência.

No último período da vida, torna-se menos fecundo o seu labor científico, absorvido, como foi, por actividades de outra categoria.

Morreu em 1727, tendo sido sepultado na Abadia de Westminster, em Londres.

Lista dos prémios

1.º Prémio — 1 marmita individual; 2.º Prémio — 2 lanternas de bolso; 3.º, 4.º e 5.º prémios — Uma excelente biografia.

Prémios a todos os vencedores do concurso.

ATENÇÃO — Com o fim de facilitar a participação neste concurso, permite-se que a resposta a esta nótula biográfica seja feita em conjunto com a da figura n.º 1, até ao fim de Maio p. f..

O MEU PONTO DE VISTA

Caro Chefe:

Agora que todos demos já uma vista de olhos pelas provas de classe recentemente editadas, parece-me da maior utilidade trazer o assunto às colunas de «Sempre Pronto», dado o seu transcendente interesse, a merecer que lhe dediquemos alguns serões em amena cavaqueira, digerindo lentamente o brilhante e complexo trabalho, aproveitando mesmo para se esclarecerem dúvidas ou exporem novas ideias, o que agradará, certamente, tanto à Chefia Geral como aos executores do projecto.

Antes, porém, creio que todos deveríamos em uníssono saudar com alguns gritos tipicamente escotistas o aparecimento desta II Parte do Regulamento Geral, tão ansiosamente esperada durante mais de uma dezena de anos.

Felizmente que a espera resultou proveitosa, uma vez que nos acaba de ser presente um trabalho meticuloso, cuidado até ao pormenor e verdadeiramente útil para todos os dirigentes.

O MEU PONTO DE VISTA

Sempre Pronto já se referiu, no seu penúltimo número, com muita satisfação, à recente publicação da II parte do Regulamento Geral da A. E. P., tecendo judiciosas palavras de entusiasmo e incentivo para novos cometimentos, dando até algumas sugestões do maior interesse.

Numa apreciação pessoal, desejo manifestar o meu aplauso pelo esforço, direi mesmo teimosia, necessários para trazer a público um trabalho que pretende, justificadamente, ser um dos mais importantes passos para o desejado desenvolvimento do escotismo associativo no momento em que alguns dirigentes se quedam inactivos e se interrogam intimamente perante a dúvida de valer ou não valer a pena lutar por esse desenvolvimento numa confrangedora manifestação de ausência do espírito de iniciativa que caracteriza e distingue o movimento.

A admiração que manifesto pelos autores do projecto do Regulamento (claro que admiro aqueles que trabalharam esforçadamente e não os que se limitaram o fazer parte de comissões) anima-me a fazer-lhe um ou outro reparo, talvez inútil, mas com a única intenção de lhes demonstrar que alguém prestou ao seu trabalho a atenção que merece e, se possível colaborar no seu aperfeiçoamento, como é desejo da Chefia Geral.

A orientação imposta, ou melhor a linguagem usada e o sistema de numeração (revelador de perfeita actualização com os modernos métodos) parecem-me demasiado eruditos para o nosso meio e pouco acessíveis para a maioria dos nossos dirigentes, que encontrarão grandes dificuldades na sua interpretatação. É evidente que desse facto não podem atribuir-se culpas aos autores, mas seria conveniente que estes considerassem atentamente a quem destinavam o seu trabalho, procurando torná-lo o mais proveitoso possível.

O exemplo está no genial B. P., espírito de elevada cultura, que nos legou trabalhos de inexcedível simplicidade, fàcilmente acessíveis aos menos letrados.

Entrando pròpriamente nas provas de classe, e deixando em mãos mais conhecedoras a apreciação das provas para Lobitos, referir-me-ei hoje apenas à 3.ª classe, aquela que dá ao rapaz o exacto conhecimento do que é o Escotismo,

É certo que o esquema geral das provas apresentadas se baseia no que há muito se encontra em prática em todo o mundo, de acordo com os planos gerais de Formação de Chefes. Todavia, acho conveniente ter em vista que o Escotismo no nosso País, apesar de já contar mais de 50 anos, é ainda *totalmente* desconhecido de grande parte dos jovens, mesmo daqueles que se propõem entrar nas suas fileiras, o que nos coloca numa posição bastante diferente em relação a outros países onde o Escotismo é sobejamente conhecido, tanto dos jovens como dos seus familiares.

Se às considerações anteriores, juntarmos o facto de que as provas de 3.ª classe são o primeiro obstáculo que o rapaz encontra para envergar o uniforme escotista e viver a vida aventurosa do campo, temos que convir que estas como se apresentam, sendo absolutamente acessíveis e até verdadeiramente fáceis para os mais velhos, parecerão quase impossíveis de transpor para os mais novos.

Daqui se conclui a necessidade, que alguns dirigentes defendem, de se separar a tribo em duas divisões, considerando-se igualmente a divisão das provas do iniciado, com duas ordens de dificuldades, respectivamente, para os aspirantes de menos de 15 anos e depois daquela idade.

Parece-me ainda de considerar abertamente o processo de admissão do jovem no Grupo, e mais pròpriamente na Patrulha.

O rapaz, desconhecedor do ambiente escoteiro, vai entrar para um meio absolutamente diferente daquele a que está habituado, surpreendendo-o que os seus companheiros se tratem por nomes de animais e acorram alegremente a gritos selvagens de que ele desconhece o significado. Sente por isso a necessidade de um guia que o identifique com toda essa mística, que ele mais tarde achará maravilhosa.

Mas, para não fugir demasiado ao assunto em análise, guardarei para outra ocasião o que me parece ter para dizer sobre a iniciação escotista e voltemos às provas de classe.

A escolha das provas, a exigir do rapaz, revela a grande preocupação que orientou os coordenadores em proporcionar matéria de geral agrado. Também o agrupamento em sectores, consoante a sua natureza, dá ao rapaz maior facilidade de compreensão, embora para alguns a aparência de que nunca mais chegarão ao fim,

Tudo depende, entretanto, da forma como essas provas sejam requeridas pelo instrutor ao pretendente a escoteiro, posto que algumas delas dependem mais dos conhecimentos, entusiasmo e espírito de observação do dirigente que da capacidade do aspirante.

Estão neste caso as provas classificadas em 3.3.1, 3.3.2 e 3.3.3, que exigem do Chefe de Tribo, num curto espaço de tempo, o conhecimento das virtudes e tendências do rapaz, por forma a poder ajudar a desenvolver umas e orientar as outras. Ainda sobre a prova 3.3.2, *Religião e espiritualidade,* parece-me existir um grave lapso ao admitir que todos os rapazes são, necessàriamente, praticantes religiosos, vedando o Escotismo àqueles a quem os pais negaram a vantagem do Culto Divino e admitindo no

Segue na página 6

COMPREENDA O PROBLEMA

Esta nova secção de «Sempre Pronto» será publicada de vez em quando e na medida das possibilidades de espaço. Integra-se no programa das actividades dos Caminheiros e destina-se a proporcionar elementos de informação aos jovens, que lhes permitam fazer juízo acerca de problemas da nossa época. Tem assim uma finalidade altamente educativa: conduzir os novos a analisar os factos pelo conhecimento objectivo das circunstâncias que estão na origem dos problemas, evitando conclusões precipitadas. Numa palavra, ensinar a compreender e a estabelecer raciocínios fundamentados.

Não poderemos, a maior parte das vezes, tomar posição nos problemas, em estrita obediência aos imperativos da neutralidade escoteira em questões políticas. Em assuntos religiosos, observaremos igualmente um rigoroso espírito ecuménico. Isso não impede que tentemos esclarecer os factos que se encontram na origem das questões do nosso tempo. Não pretenderemos trazer «novidades», mas apenas breves apontamentos destinados aos jovens.

Gibraltar é presentemente o centro de uma divergência que opõe a Espanha à Inglaterra. Tratando-se de um território situado num ponto não muito distante das nossas fronteiras, o problema desperta o nosso interesse. A Espanha reclama a soberania do rochedo, e a Inglaterra não parece disposta a ceder o domínio que ali exerce.

Como sabemos, Gibraltar é um promontório que se situa no extremo sul da Península Ibérica, constituindo o arco oriental da baía de Algeciras. Tem uma situação quase independente da península, a que está ligado por um estreito istmo arenoso, que constitui um terreno neutral. A estrada de acesso atravessa o aeroporto e dá ingresso numa pequena cidade, junto do porto de mar, que tinha em 1939 cerca de 20 500 habitantes, dos quais 17 000 eram civis. O promontório tem 4 800 metros de comprimento por 1 200 metros de largura. O penhasco ergue-se quase verticalmente e tem 425 metros de altitude. A sua forma é impressionante pela maneira abrupta como nasce do solo. Possui profundas cavernas naturais, que os ingleses desenvolveram, tendo construído outras, transformando o penhasco numa fortaleza militar poderosa e verdadeiramente inexpugnável. Tratando-se de um porto franco, dá origem a um comércio importante, possuindo a cidade muitos estabelecimentos comerciais, que realizam vultosas operações. O facto de se tratar de um porto franco, possibilita a prática de contrabando, facto de que os espanhóis se queixam.

Gibraltar foi conquistada aos mouros pelos castelhanos em 1309. Em 1333 os árabes voltaram a tomar o promontório e só em 1463 é que os castelhanos conseguiram conquistar definitivamente a praça aos mouros.

Em 1540, Barbarroxa, o *Argelino*, saqueou Gibraltar. Carlos V mandou reconstruir a cidade e fazer grandes obras.

A soberania inglesa data de 1704. Em 1700, por testamento de Carlos II, Filipe V subia ao trono de Espanha. A Filipe V opunha-se a Áustria, que pretendia o trono para o arquiduque Carlos de Habsburgo, irmão do seu imperador. A Áustria dispôs-se a fazer valer pela força as suas pretensões, no que teve o apoio da Inglaterra e Holanda, dando-se então a chamada Guerra da Sucessão.

Em Agosto de 1704, uma esquadra anglo-holandesa, sob o comando do almirante *sir* George Rook e do príncipe de Hesse-Darmstadt atacou e tomou posse do promontório, mas em vez de proclamar ali a soberania do pretendente austríaco, proclamou a soberania de Ana Stuart, rainha de Inglaterra.

Entretanto, morreu o imperador da Áustria e sucedeu-lhe seu irmão, o arquiduque Carlos de Habsburgo. A Inglaterra, receosa de ver ressuscitado o império de Carlos V, mudou de política e passou a apoiar Filipe V. Este príncipe possuía um carácter baixo e era de mediana inteligência. Encontrou, porém, em sua primeira mulher, Maria Luísa de Sabóia, uma boa conselheira que o ajudou a estimular o desenvolvimento de Espanha. O apoio britânico foi muito útil a Filipe V, que viu assim garantido o seu direito ao trono. Em recompensa deste apoio, o Rei de Espanha ofereceu Gibraltar à Inglaterra. A soberania britânica ficou assegurada pelo Tratado de Utrecht de 1713, que pôs fim à Guerra da Sucessão e em que a Espanha abdicava também dos seus domínios na Itália e Países Baixos. É neste tratado que a Inglaterra legitima o seu domínio sobre «el Peñon», como o promontório é designado pelos espanhóis.

Em 1729, a Espanha envolveu-se numa guerra desastrosa com a Inglaterra, que terminou com o Tratado de Sevilha do mesmo ano.

Em 1779, a Espanha, apoiada pela esquadra francesa, resolveu investir contra Gibraltar, tendo-lhe posto um cerco que durou até 1783 e se revestiu de inúmeros incidentes, tendo em certas ocasiões os ingleses quase sido vencidos. Este cerco durou exactamente 3 anos, 7 meses e 12 dias. De Julho a Setembro de 1782, os espanhóis fizeram um grande esforço para ocupar a praça, mas os ingleses conseguiram reforçar a guarnição e o poder da esquadra britânica frustrou a tentativa espanhola para se apossar novamente de Gibraltar. A paz foi restabelecida em Fevereiro de 1783 e, uma vez mais, ficava reconhecido o domínio inglês na fortaleza considerada como a «Chave do Mediterrâneo», já que a sua poderosa artilharia guarda o estreito de Gibraltar.

Os espanhóis nunca se conformaram, no entanto, com aquele espinho encravado no seu território e várias foram as tentativas de ordem diplomática para que lhes fosse devolvida aquela parcela de terra. A Inglaterra mantinha então grandes interesses em todo o Mediterrâneo, a sua poderosa armada precisava de garantir o ingresso naquele mar e carecia do apoio daquele porto e das suas posições artilhadas com o mais moderno e eficiente equipamento militar, pelo que as diligências espanholas nunca foram bem recebidas.

Durante a última guerra, o problema de Gibraltar voltou a ser agitado, dentro da posição que a Espanha tomou entre os dois partidos em luta. É ainda cedo para que se esclareça o que então se passou, mas parece que Hitler ofereceria Gibraltar à Espanha em troca de uma completa adesão desta, embora não se possa saber se Hitler cumpriria as suas promessas, se vencesse.

Depois da guerra, o problema do promontório tem sido levantado de vez em quando, quer em diligências diplomáticas, quer em manifestações públicas, quer ainda em atitudes de protesto e levantamento de dificuldades do lado da fronteira espanhola. A Espanha mantém ainda domínio nas cidades marroquinas de Ceuta e Melila e parece pretender alinhar o rei de Marrocos em favor da sua causa em troca da entrega destas cidades.

São estes os fundamentos para uma esclarecida compreensão da questão de Gibraltar.

Posto de observação

Seguimento da pág. 8

limitando-se a lutar para proporcionar aos outros os benefícios que colheu do escotismo, e a apontar-nos com um olhar de tristeza os mais preciosos documentos do grupo e a fotografia estimada do antigo chefe que se esboroam com a humidade que há muito os penetrou e ameaça desfazê-lo.

E há ainda os grupos sem sede e aqueles que deixam de se formar por impossibilidade de conseguirem uma, como sucedeu há dois anos em Linda-a-Velha onde se perdeu o interessante e dedicado esforço de dois dirigentes que durante quatro meses prepararam nos terrenos vizinhos as duas primeiras patrulhas de um futuro grupo, actividade que o Inverno fez paralisar, tornando o recomeço impossível.

Sei que não é fácil, nos aglomerados urbanos, conseguir casas disponíveis, em condições acessíveis, para os escoteiros, mas é imperioso fazer algo para proporcionar aos grupos sedes condignas, onde possam desenvolver uma actividade regular e sã, com suficientes atractivos para que os jovens encarem com prazer a vida escotista. No momento em que os ministérios e serviços públicos para corresponderem às exigências actuais se instalam em edifícios modernos, concentrando serviços e abandonando instalações velhas e obsoletas para as suas actividades, talvez fosse possível que um gesto de boa vontade proporcionasse aos grupos de escoteiros a ocupação de algumas das mais pequenas dessas casas, que tornariam mais rico o nosso Movimento por lhe permitirem melhores condições para a sua expansão em prol da juventude portuguesa.

M. G.

Uma forma de provar simpatia pelo escotismo é assinar o jornal escotista «Sempre Pronto».

Uma forma de provar simpatia por «Sempre Pronto» é tornar-se assinante patrocinador.



Se eu fosse rapaz outra vez

Já estavam reunidos doze rapazes para constituírem um grupo de escoteiros, quando se levantou o problema da instalação.

— Sim, onde é que nos alojaremos? Não temos dinheiro para pagarmos uma renda avultada. Haverá, por aqui, alguma colectividade que nos possa dar o auxílio de que precisamos? — expôs um.

— Talvez aquela sociedade que há lá ao fundo da rua nos pudesse ceder uma sala...

— Não é má ideia. Tentaremos. O pior que nos pode suceder e dizerem-nos que não.

No dia seguinte, o chefe e o guia da patrulha «Leão» foram avistar-se com os dirigentes da Sociedade Progresso e Harmonia, que assim se chamava a colectividade.

Quando chegaram, havia acabado a reunião da direcção. Estava apenas o presidente, senhor de ar feliz e um tanto obeso, que dava pelo nome, aliás muito coerente, de Felizardo Rebola. A pequena comissão de escoteiros expôs o seu pedido. Não teria a Sociedade alguma divisão onde se pudesse instalar, ainda que provisòriamente, um grupo de escoteiros que se estava organizando?

O senhor Felizardo Rebolo sorriu-se e disse:

— Ó meus amigos, lamento, muito, mas não lhes posso ser útil. Aqui a Sociedade, a bem dizer, luta com falta de espaço. Agora até para instalar uma aula de instrução primária destinada a sócios adultos, temos de construir um barracão no quintal. Mas...

Os escoteiros estavam suspensos das palavras do senhor Rebola. Este continuou:

— Mas, se como presidente da Sociedade Progresso e Harmonia, não lhes posso ser útil, como cidadão, como Felizardo Rebola, terei o maior prazer em pôr o rés-do-chão da minha casa, numa travessa aqui próxima, à disposição do vosso grupo.

Mais satisfeito, o chefe perguntou:

— Muito obrigado, senhor...

— Rebola. Felizardo Rebola... — observou o outro.

— Pois muito obrigado. Mas precisamos de saber quanto é a renda...

— A renda? — E a face gorda do senhor Rebola iluminou-se com um largo sorriso. — A renda? Depois falaremos, depois falaremos... Não havemos de ficar zangados por isso...

Não demorou muito que o novo grupo se instalasse no magnífico rés-do-chão da casa de Felizardo Rebola. Quando chegou a altura do pagamento da renda, o proprietário disse que nada tinha o grupo a liquidar. E o bom homem, sempre sorridente, observou:

— Felizmente não preciso desse dinheiro para viver, meus amiguinhos. E toda a minha ambição é poder ser útil ao escotismo, por o considerar a mais bela escola para a rapaziada.

— O senhor Rebola foi escoteiro? — perguntou o subguia duma das patrulhas.

— Não, meu amigo. Infelizmente, não. Eu bem queria entrar num grupo, mas o meu pai era um tanto antiquado e nunca me deu autorização para isso. Mas eu não havia acampamento nacional, quer fosse da A. E. P., quer do C. N. E., que não visitasse. Quando foi das vindas de Baden-Powell ao nosso País, não faltei. Quer dizer, tenho sido sempre um simpatizante com o escotismo. Por isso, creiam que tive o maior prazer em poder auxiliar esse grupo.

Todos escutavam, com o maior interesse, as palavras do dono do prédio. Felizardo Rebola percorreu com os olhos a sede. A um canto, estava um armário com o material. No outro, o vareiro. Ao meio da sala, a mesa das reuniões. Na parede, em lugar de honra, ficavam o retrato de Baden-Powell e um quadro com os artigos da lei. Noutro local, via-se um quadro curioso: representava um escoteiro uniformizando-se, enquanto sentado a uma mesa, seu pai parecia dizer o que constava da legenda: IF I WERE A BOY AGAIN.

— E' isso mesmo, meus rapazes — concluiu Felizardo Rebola —. Com que saudades o digo... SE EU FOSSE RAPAZ OUTRA VEZ...

Manuel Ferreira

A EXCURSÃO

de «Sempre Pronto»

Seguimento da pág. 8

vislumbrar o que de belo e rico se encontra depositado nesse fabuloso solar.

Depois, será o regresso a Lisboa.

O almoço é servido no Restaurante Caravana, de Santarém. Temos em nosso poder uma lista de ementas desta casa, na qual os excursionistas poderão escolher os pratos preferidos e encomendá-los com antecedência, para se evitar não só desagradáveis perdas de tempo, como também que se esgotem os pratos pretendidos.

O DR. LUTHER KING

EXPLICA...

Seguimento da pág. 1

não tenha dito «ter afecto aos inimigos», já que há pessoas às quais é difícil ter afecto. Querer ou ter afecto é uma emoção de carácter afectivo e certamente os senhores não podem querer a pessoas que estão bombardeando a sua casa ou àqueles que estão ameaçando a seus filhos. O amor é compreensão, criação, desejo de redenção de todos os homens e eu creio firmemente que, mediante tal amor, incorporado a uma luta organizada e decidida para acabar com um sistema injusto, sairemos da noite negra e desoladora da inumanidade do homem para o homem ao dia luminoso e resplandecente da liberdade e da justiça. (...)

Martin Luther King
Prémio Nobel da Paz

"Dia do Escoteiro"

O dia 23 deste mês, o «Dia do Escoteiro», foi comemorado devidamente pela Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, com o jantar num restaurante de Lisboa.

Estiveram presentes muitos antigos escoteiros e suas famílias, tendo sido produzidas afirmações de muito interesse por diversos campanheiros, a propósito da data que se comemorava.

A este acontecimento nos referiremos no nosso próximo número.

D. Maria Luisa de M. Esteves Pereira

Esta nossa estimada companheira, vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, esposa do nosso estimado assinante sr. Brigadeiro Esteves Pereira e uma das primeiras guias do nosso país, tem estado bastante doente, embora tenha experimentado ùltimamente boas melhoras.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento e um próximo regresso ao nosso convívio.

António Augusto da Silva e Cunha

Este nosso prezado assinante patrocinador, antigo dirigente do Grupo n.º 93, de Sintra, partiu no dia 28 deste mês para Angola, onde vai exercer a sua actividade profissional.

A este nosso estimado amigo, que já foi nosso agente-correspondente na risonha vila de Sintra, desejamos uma boa viagem e as maiores prosperidades na carreira que vai agora encetar.



O Escotismo através do mundo

● IV Festival Cinematográfico Escotista

O Júri deste Festival que se realizou em Fevereiro último, em Veneza, depois de apreciar os filmes propostos pela Comissão de Selecção para a atribuição de prémios, resolveu por unanimidade atribuir os seguintes:

Medalha de Ouro — 1.º prémio — (filmes de 16 mm.) para *La main dans la main* (belga), que também recebeu a Taça para o melhor argumento.

Medalha de Ouro — 1.º prémio — (filmes de 8 mm.) para *Buona Caccia* (italiano).

Medalha de Prata — 2.º prémio — (filmes de 16 mm.) para *Beyond the tooth of time* (norte-americano) ao qual foi concedida também a Taça para a melhor montagem.

Troféu «Ferro de Gôndola» e a *Medalha de Ouro* foram atribuídos ao filme australiano *Senior Scout Way que* com uma apropriada e brilhante narração cinematográfica dá melhor a conhecer a actividade e as bases do método escotista, de harmonia com o espírito do primeiro artigo do regulamento do Festival.

● Levantamento de um centro juvenil teuto-boliviano escotista

A Corporação Cristã de Escoteiros, da Baviera iniciou no ano passado uma acção de ajuda, no intuito de construir um centro juvenil teuto-boliviano nas proximidades de Sucre, mediante a venda de cartões-postais, pintados à mão, e que se referem à vida na Bolívia, com dissertações e apresentações de filmes e fotografias de lá recebidos.

Os escoteiros alemães haviam recebido o impulso para esta acção espontânea de ajuda aos seus «colegas» bolivianos e de professores de escolas alemãs daquele país, que haviam tomado em consideração este projecto.

Logo após surgiram nas colunas de publicidade de algumas cidades do sul da Alemanha alguns cartazes, pintados por crianças, com o seguinte apelo: «Eles pedem a nossa ajuda — nós trabalharemos para eles» — e os escoteiros passaram a cuidar de bebés, a trabalhar como operários florestais, empacotadores, guarda-nocturnos e mesmo como faxineiros, entregando orgulhosamente, todo o dinheiro assim ganho, depois de alguns meses de serviço, à campanha iniciada, cujo rendimento de 32.000 marcos foi enviado à Bolívia.

Com este dinheiro, foi adquirida uma propriedade com edifícios e 57 hectares de terra, em Cachimayu (Província de Chuquisaca), que já passou a ser ocupada pelo Centro de Treinamento Juvenil de Chuquisaca. No edifício central, com mais de 25 dependências, encontram-se, também, os centros de trabalho, os estábulos e uma capela.

A propriedade foi posta em ordem provisòriamente pelos escoteiros daquela cidade. A propriedade está sob os cuidados de um administrador, de um jardineiro e de trabalhadores rurais. A remessa de novas doações é aproveitada para finalizar or trabalhos, cujo fim é o de formar os jovens na lavoura e de dar à mocidade boliviana e alemã a oportunidade de visitar regularmente Cachimayu, a fim de intensificar as relações mútuas.

O meu ponto de vista

Seguimento da página 3

espírito juvenil uma ideia de segregação, sempre combatida pelo Movimento.

Deverá conduzir-se o escoteiro à compreensão e respeito das Verdades sobrenaturais, mas nunca impor-lhe uma prática religiosa como prova escotista.

Entretanto, esqueceu-se lamentàvelmente a informação sobre o cumprimento dos deveres escolares ou profissionais, que bem poderiam basear-se, não só na declaração desinteressada dos professores ou encarregados, mas na verificação da assiduidade e resultados positivos.

Em 3.3.4.3 parece-me haver exagero, já que se vai ao pormenor de exigir do aspirante o conhecimento das bandeirolas das Patrulhas (!) Todas? E bandeiras de Núcleos, existem de facto?

Cremos absolutamente dispensável esta prova, sendo bom recordar que se destina a um jovem recém-chegado ao Movimento e a quem nem sequer se deu ainda a honra de ser Escoteiro.

Parece-me que em sua substituição poderia exigir-se ao rapaz um conhecimento sumário do animal que serve de totem à patrulha onde irá ingressar, seus hábitos, utilidade, regiões onde vive, etc.

No capítulo *Civismo*, parece-me absolutamente necessária a criação de uma norma rígida que oriente os instrutores, para que se não oiça o papaguear inocente de alguns escoteiros mais novos, misturando respeitosas citações patrióticas com afirmações mais ou menos cómicas de duvidosa verdade histórica, ou ainda que se observe o indiferente cair da Bandeira Nacional no chão ou o seu hasteamento em locais menos apropriados. Nisto os Escoteiros, ainda que os mais jovens, terão de ser infalíveis.

Quanto aos *Conhecimentos úteis* exigidos em 3.3.8, creio que poderiam ser um pouco alargados, por exemplo, com o conhecimento da localização das farmácias, médicos e outros locais de socorro no bairro ou da região onde vivem; saber a utilidade das passagens para peões e dos sinais de tráfego; conhecer os sinais de trânsito que respeitam a peões; cuidados a ter com o cruzamento de uma passagem de nível, etc.

A finalizar, resta-me acrescentar que se pode apontar uma ou outra falha, é mesmo fácil surgirem ideias para rectificar pequenos fragmentos, mas tudo isso não altera o mérito do trabalho realizado e nada representa ao lado do enorme esforço, necessário para o tornar uma obra palpável e a todos os títulos imprescindível.

Começar, sim, é que é difícil!

MARIANO GARCIA

Da Sinceridade à Tolerância

Seguimento da primeira página

E já que falamos de hipocrisia, será interessante investigar a origem deste termo. *Hipócrita* vem do grego *hypokritês*, com o significado de actor, comediante. Ora o comediante é aquele que se mascara, aplica cera ou outro produto, para esconder a sua própria personalidade e exibir uma outra que lhe não pertence. Quando isto sucede fora da actividade artística e com finalidade de enganar, não se tratando pròpriamente de actores, mas de farsantes, dando a este termo todo o sentido pejorativo, surge então a hipocrisia. São os hipócritas quem deve merecer todo o nosso desprezo, como pessoas indignas da condição humana. A hipocrisia situa-se exactamente no polo oposto da sinceridade. Uma põe cera onde a outra se conserva limpa. Jesus Cristo, que teve sempre palavras de ternura e amor para com os fracos e humildes, reservou as únicas palavras duras proferidas pelos seus lábios para dardejar aqueles que hipòcritamente se apresentavam em atitudes piedosas para mascarar sentimentos baixos e interesses sórdidos. Onde houver hipocrisia não viceja a compreensão e a tolerância. Só o homem sincero é generoso e leal. O mundo só poderá fomentar paz e concórdia quando os homens deliberadamente cultivarem um espírito sincero como fundamento de toda a vida social.

Ao comemorarmos o «Dia do Escoteiro», poderemos dar provas do nosso espírito de fraternidade, pondo em equação esta tão excelente virtude da sinceridade, que gera a compreensão e garante a amizade.

O Escoteiro busca a Verdade e a sua palavra merece toda a confiança. Eis um programa que deve enformar toda a educação da mocidade dentro e fora do Escotismo.

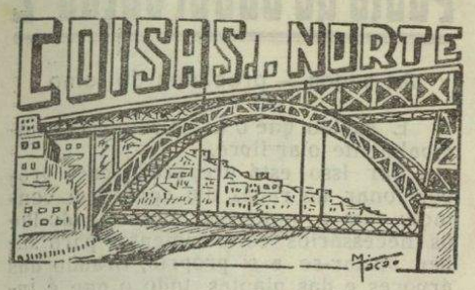
E. R.

Dos Amigos de "Sempre Pronto"

CHEGADA — O nosso estimado amigo e compatriota sr. João Mós, que regressara ao Brasil em fins do ano passado, chega novamente a Lisboa no dia 30 do corrente, a bordo do paquete «Júlio César».

FALECIMENTO — No dia 20 de Março p. p., faleceu o sr. Eng.º Luís de Sousa Costa e Oliveira, que era administrador da firma Papelarias António Vieira, S. A. R. L..

À dig.ª Administração desta sociedade, bem como à família enlutada, apresentamos as nossas condolências.



Núcleo do Porto

DIA DO PENSAMENTO:—Presidida pelo Sr. Delegado dos Serviços Centrais desta Região, ladeado pelos Chefes dos Grupos n.os 4, 15 e 17 e respectivos Chefes de Divisão, o Núcleo do Porto realizou em 21 de Fevereiro p. p. uma sessão comemorativa do aniversário de Baden-Powell, com a presença de mais de 50 escoteiros. Foi conferente o Sr. Rev. Vidal dos Santos, Chefe do Núcleo do Porto, que, de uma maneira bem clara e precisa, historiou, desde a infância, a grande figura do que foi Lorde Robert Baden-Powell, deixando todos os presentes maravilhados por tudo quanto lhes foi dado conhecer acerca do Fundador do Escotismo.

O Sr. Comandante Coutinho Lanhoso, encerrou esta cerimónia com palavras de simpatia para todos os escoteiros, dos quais levava as melhores impressões. Felicitou o Núcleo na pessoa do seu Chefe, fazendo votos de que este singre para bem da nossa Associação e de todos os que dela fazem parte.

Apesar do tempo que naquele dia se fez sentir, quer devido à chuva quer ao frio, nem por isso deixaram os escoteiros do Porto de se congratular pela passagem daquela data, dispostos a continuarem «Sempre Prontos» para contribuir para o engrandecimento do Movimento e do Núcleo. Estiveram ainda presentes naquela festividade a 1.ª Companhia das Guias de Portugal, do Porto, «Rainha Santa Isabel», que se mostra também confiante em que o Movimento Feminino se desenvolva cada vez mais.

ACTIVIDADES DOS GRUPOS: — Baseados no programa da II Parte do Regulamento Geral, continua o Núcleo a incentivar nos seus escoteiros actividades dentro dos novos moldes, não faltando um verdadeiro entusiasmo quer pela doutrina imposta por aquele Regulamento quer pelas possibilidades que os escoteiros têm de saber mais e melhor. — C.

ASSINANTES PATROCINADORES

Chegou mais uma resposta ao nosso apelo. Veio de Angra do Heroísmo. Trata-se do nosso estimado amigo e assinante, sr. Dr. Adelino Vieira Pimentel, a quem endereçamos os nossos agradecimentos.

Aguardamos novas adesões.

CALENDÁRIO DE MAIO

Dia 1 — 10.º aniversário do Grupo n.º 8 — Lisboa.

Dia 3 — 12.º aniversário da 1.ª Companhia das Guias de Portugal — «Rainha D. Leonor». — Lisboa.

Dia 9 — Domingo das Mães.

Dia 22 — 28.º aniversário do Grupo n.º 4 — Porto.

DOS AÇORES

ILHA TERCEIRA

● Semana Escotista Americana

Comemorando o 55.º aniversário dos «Boy Scouts of America», decorreu de 7 a 13 de Fevereiro, a Semana Escotista no destacamento americano do Aeroporto das Lajes, com várias cerimónias religiosas e cívicas, demonstrações técnicas, bem como uma exposição, onde foram patenteados ao público trabalhos manuais, publicações, fotografias, cartazes. Estiveram representados os Escoteiros e Lobitos, as Guias e Avezinhas dos agrupamentos americanos, assim como representações do C. N. E. da Praia da Vitória e das Lajes, e do «52» dos Escoteiros de Portugal, de Angra do Heroísmo.

Presidiu às actividades o Brigadeiro-General George S. Boylan Jr., comandante das forças americanas nos Açores, que estava ladeado pelo sr. Baird, presidente da comissão directiva dos Escoteiros americanos; e pelos chefes J. R. Moniz Silva, do Grupo 52; V. H. Fragueiro, do C.N.E., e outros dirigentes americanos.

Após o desfile de cerca de 80 elementos, ao som dos hinos nacionais Português e Americano, seguia-se uma invocação, em português e inglês, pelo capelão-católico americano, Rev. Kenan Morris, depois do que foram apresentados jogos, pantominas, demonstrações e outras actividades típicas escotistas.

O General Boylan falou sobre as experiências da sua vida de escoteiro, descrevendo como o escotismo ajuda os indivíduos a compreender problemas e a tomar decisões e iniciativas apropriadas.

Seguia-se uma carta reunião, durante a qual se distribuíram insígnias, incluindo uma de «Star Scout» ao escoteiro Michael Minish, do «Troop 2» (Lajes).

● Festa anual dos Lobitos americanos

No Salão Lisboa do clube de oficiais americanos, e com a comparência de mais de 200 pessoas, entre lobitos, pais, dirigentes e convidados, realizou-se em 22 de Fevereiro a festa anual dos Lobitos da «Pack 1» (Lajes) dos «Boy Scouts of America». Presidiu o Coronel Tracy J. Peterson.

A reunião iniciou-se com uma invocação pelo Capelão-Capitão Walter D. Edwards, e seguia-se o jantar.

Foi feito depois um desfile evocativo de diversas personagens célebres nascidas em Fevereiro: Lorde Baden-Powell, George Washington, Abraão Lincoln, Gattenberg, Edison, Galileu, etc.

Depois, o Major Stephen Deturk, coordenador dos assuntos escotistas americanos, apresentou o sr. A. Gatman que, num esplêndido improviso, falou sobre a vida de George Washington.

O Chefe Vallee passou em revista a vida da alcateia, endereçou agradecimentos, e fez a apresentação dos novos membros da comissão directiva dos lobitos. Finalmente, disse encontrar-se naquela sala uma pessoa muito dedicada ao movimento escotista, com 30 anos de serviço completados recentemente, que tem colaborado de perto com os escoteiros americanos, e nomeadamente, com a «Pack 1», que ajudou a fundar, há 15 anos — o dirigente escotista português E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, a quem a assistência saudou com uma quente salva de palmas.

● Aniversário de Baden-Powell

A reunião mensal do Grupo 52 da Associação dos Escoteiros de Portugal, realizada em 24 de Fevereiro, foi dedicada ao Fundador do Movimento Escotista, Lorde Roberto Baden-Powell, tendo o chefe Moniz Silva feito uma palestra sobre o genial B. P.

Usaram ainda da palavra, o prof. Leopoldino Tavares e o chefe-adjunto, Ludgero Moreira. — D.

VALE A PENA SER ESCOTEIRO

Aos que leram e meditaram no que o último número de *Sempre Pronto* insere sobre Baden-Powell e a Ordem Militar de Cristo, não ficam decerto dúvidas de que vale a pena ser escoteiro.

O signatário desconhecia o trecho que o fundador do Escotismo dedicou à mocidade de todo o mundo num dos seus livros e que, agora transcrito, faz luz, muita luz sobre a admiração que B.-P. tinha pelos lobos do mar portugueses, considerando a honra da concessão da Comenda da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo mais meritória, por ser a conferida em Portugal aos antigos escoteiros marítimos.

Não teve dúvida em destacar os nossos navegadores pelo facto das suas descobertas haverem sido feitas no tempo dos avós e pais dos marinheiros britânicos. Em tudo o fundador do Escotismo revela lealdade e imparcialidade, modéstia mesmo, no agradecimento pela honra com que o Governo da República Portuguesa o distinguiu em 1919.

Saibamos, pois, imitá-lo, porque, se todos nos convencermos de quanto importam as qualidades apontadas, para salvação da humanidade, a hipocrisia, o partidarismo e a vaidade não encontrarão lugar em nossos corações, e o mal estar da hora que passa diminuirá com garantia para as futuras gerações.

Joaquim de Sousa Piscarreta



Rui Manuel Nunes Pintão

No passado dia 20 de Março, faleceu o escoteiro Rui Manuel Nunes Pintão, que era o dedicado guia da patrulha *Águia* do Grupo n.º 93, de Sintra.

No funeral, foram prestadas honras ao jovem escoteiro por uma deputação de escoteiros, devidamente uniformizados, do «93».

Tanto à Família em crespes, como também ao Grupo n.º 93, apresentamos sentidas condolências por tão infausto acontecimento.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.º 240

ABRIL de 1965

Grande entusiasmo pela excursão que "Sempre Pronto" organiza em 16 de Maio p. f. a Alenquer e Santarém

É já no domingo dia 16 do próximo mês de Maio que se realiza a excursão a Alenquer, Santarém e Alpiarça promovida por este jornal e que encerrará as comemorações do seu XX aniversário.

Tudo se conjuga para tornar este dia inolvidável, transformando esta excursão numa agradável jornada de convívio escotista. E dizemos isto, mercê das manifestações de entusiasmo que ao nosso conhecimento têm chegado e do valiosíssimo patrocínio que a Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros se dignou conceder à nossa iniciativa, demonstração de simpatia e amizade que muito nos honra e sensibiliza.

A Comissão de Patrocínio, constituída pelos nossos estimados amigos srs. Eugénio Ribeiro Nunes, Ernesto Nascimento, Luís Simões Aurélio, Amílcar Fernandes e José Eduardo Pena Ribeiro, está trabalhando, com todo o afã, para rodear este acontecimento de todos os possíveis atractivos e conseguir o maior número de adesões, sendo de crer que os seus esforços sejam amplamente compensados.

Assim, podemos anunciar que, à hora em que escrevemos estes apontamentos, já podemos garantir a participação de 1 autocarro de passageiros, de 4 automóveis e de 1 motoreta. No entanto, é de crer que, com o aproximar da data da excursão, muitas mais adesões tenhamos de assinalar. Agradecemos, pois, que os nossos amigos que queiram tomar parte neste passeio, utilizando o autocarro, no-lo comuniquem com o máximo de brevidade, a fim de tomarmos as necessárias providências. Da mesma forma, é de grande interesse que os nossos companheiros que se desloquem nos seus automóveis, no-lo participem igualmente, com antecedência, pois temos em projecto criar um distintivo para ser colocado em cada um dos veículos.

O programa da excursão, a que já nos referimos no último número, é deveras aliciante.

A partida de Lisboa é às 8 horas, do Cais do Sodré, junto da sede da A. E. P.

Pela auto-estrada do Norte, iremos até Alenquer, onde visitaremos o túmulo do grande humanista que foi Damião de Góis. Um dos nossos companheiros lerá aí uma invocação sobre a vida e a obra do grande cronista português, escrita especialmente para este acto pelo nosso distinto colaborador sr. prof. A. Álvaro Dória.

Passando novamente por Vila Franca de Xira, seguiremos para a linda capital do Ribatejo: — Santarém. Nesta cidade, visitaremos o Jardim das Portas do Sol, a Torre das Cabaças, a Igreja da Graça e outros monumentos.

Na Igreja da Graça, o nosso prezado colaborador, sr. Luís Simões Aurélio fará considerações junto ao túmulo de Pedro Álvares Cabral, sobre a vida deste célebre navegador e o descobrimento do Brasil.

A jornada continuará para Alpiarça, a fim de visitarmos a maravilhosa Casa-Museu dos Patudos, que pertenceu ao célebre político e notável coleccionador de arte José Relvas. Sobre esta velha mansão escreveu João Chagas, ainda em vida do seu proprietário, as considerações que publicamos em destacado e que nos permitem

CONTINUA NA PÁGINA 5

> *«A casa dos Patudos, pois é esse o seu nome, nasceu ontem e tem séculos. De nobreza? Não. De solidariedade de família, de virtudes domésticas, de agasalho, de hospitalidade. Por efeito do seu temperamento, da sua educação, o dono desta casa é um destino inteiramente votado ao amor e ao culto da arte e do qual todos os outros, mesmo o que o prende à lavoura, mesmo o que o lançou na política, são destinos acessórios. Assim, a sua casa abriga, com a sua família, o maior número de obras de arte que ainda enriqueceu o domicílio de um homem sem ostentação, e nele se presta à arte um culto tão fervoroso que dir-se-ia não se viver ali para outra coisa. As suas salas são galerias de pintura e escultura onde é lícito passear com um catálogo nas mãos, como nas salas dos museus. Tropeça-se em objectos de arte».*
>
> *João Chagas*

AUTOCARRO

Preço de viagem (cada pessoa). . . . . 40$00

As inscrições podem ser feitas, até 30 do corrente, na nossa Redacção, na Fraternal ou por intermédio de qualquer dos membros da Comissão de Patrocínio

Informações pelo telefone 63 66 07, ou na Redacção

IMPORTANTE: As inscrições devem ser pagas até o dia 1 de Maio p. f.

Posto de observação-2

As sedes — problema de tomo

E' sabido que o Escotismo visa principalmente o ar livre.

Por isso está preparado para proporcionar ao rapaz um agradável contacto com a natureza, ministrando-lhe os necessários conhecimentos para saber bastar-se a si próprio, tirando das árvores e das plantas, tudo o que é indispensável para a sua manutenção e conforto.

Apesar disso, um grupo de escoteiros não pode viver sem uma sede, onde, durante as noites de inverno, dê continuidade ao trabalho iniciado no campo, quer aperfeiçoando os conhecimentos básicos dos escoteiros, quer preparando futuras actividades.

As sedes dos grupos, como centros que são duma juventude buliçosa e irrequieta, devem ser espaçosas, acolhedoras e propícias à prática da vida sã do Escotismo.

Assim sucede, por exemplo, na Inglaterra, onde a maioria das sedes se situa em casarões que o bom gosto e aplicação dos escoteiros transformam em práticos e confortáveis locais de convívio, suficientemente espaçosos para neles se praticarem grande parte dos jogos que deliciam os jovens, sem obstar a que as patrulhas disponham dos seus cantos sossegados, onde os troféus conquistados se exibem e o material de campo se guarda, limpo e bem arrumado.

Entre nós, salvo raras e felizes excepções, os grupos de escoteiros estão invariàvelmente condenados a aproveitar para sede os mais impróprios locais, já que a escassez dos seus recursos e a incompreensão que os rodeia lhe cerceiam a possibilidade de conseguir condignas instalações, que lhes permitam levar a cabo a missão para que foram criados.

Bastará um simples relance pelas sedes de todos os grupos que actualmente fazem parte da nossa Associação e será fácil concluir que não há exagero nas minhas palavras. Não deixarei porém de contar um pequeno episódio, por mim vivido há quatro ou cinco anos, na verdadeira toca que serve de sede a um dos mais activos grupos da região de Lisboa, cujo esforço dos seus jovens dirigentes bem merecia a compreensão de quem de direito na solução daquele seu problema.

Era primavera e a noite estava linda, embora ainda fresca.

Entrámos numa cave térrea, cujo único acesso e respiradouro é a pequena porta que liga ao interior duma Igreja Presbiteriana. No interior, de dimensões irregulares e redazidíssimas, mais de três dezenas de escoteiros entregavam-se a uma actividade de competição inter-patrulhas, onde a acção se limitava ao escrever ou a pequenos trabalhos que não exigissem mais do que o simples mexer das mãos, mas mesmo assim só possível graças ao engenho do dedicado Chefe e seus auxiliares. Embora já familiarizado com a pobreza das sedes escotistas, uma imediata sensação de falta de ar me dominou, ao mesmo tempo que as lentes se embaciavam, tornando-me os óculos objectos inúteis. Chefe e escoteiro mais habituados, do que eu, pareciam já familiarizados com as dificuldades do ambiente, não deixando, porém, de lamentar a falta de condições para uma actividade mais completa e mais produtiva. Aumentou em mim a admiração, por aquele jovem simples, com alma forte para enfrentar tão grave problema — ao qual, todavia, não pode dar solução,

Segue na pág. 4